

AS “NOVAS” TECNOLOGIAS EM NOSSAS VIDAS E NAS ESCOLAS: UMA ANÁLISE SOBRE A PRODUTIVIDADE DOS DISCURSOS VEICULADOS NA VEJA E ISTOÉ, DE 1998 A 2002

ROCHA, Cristianne Maria Famer – PPGEDU-ULBRA – cristianne.rocha@terra.com.br
GT: Educação e Comunicação / n.16
Agência Financiadora: ULBRA

As “novas” tecnologias em nossas vidas e nas escolas

Não somente a geladeira inteligente ou a mesa que esquentava os pratos. Mas o garçom telemático, o médico digital, o monitor que testa as comidas exóticas. Em nome do *High Design* e da criatividade (...). (Casalegno, 1999, p.78, trad. minha)

Uma nova “raça” de objetos inteligentes dizem – autores como o acima citado – irá salvar os homens, disponibilizando, democraticamente às comunidades “inteligentes”, máquinas, utensílios e tecnologias que permitirão à humanidade interagir, dialogar consigo própria, com suas necessidades e com tais objetos.

Não precisar sair de casa para trabalhar, para comprar, para passear; não precisar viajar para conhecer lugares, comidas e pessoas exóticas; não precisar tocar para sentir; não precisar de livros, jornais ou revistas para ler; não precisar realizar as tarefas domésticas, não precisar estar presente para atestar a presença; enfim, estas são algumas das muitas novidades que se apresentam, atualmente, como revolucionárias e ultra necessárias.

Nas escolas não é diferente. Embora se saiba (ou se deva crer) que os cursos a distância não foram criados para substituírem as instituições educacionais de tijolo e cimento, parece ser consenso afirmar que, cada vez mais, o ensino caminha rumo à *web*, e a escola virtual é a solução aos mais diferentes tipos de problemas criados pela nossa falta de tempos e de espaços adequados à maneira tradicional de se estudar.

Há quem diga que a telemática¹ (telecomunicação e informática) democratiza o acesso e a permanência da criança na escola. Outros a julgam como mais um dos dispositivos de exclusão – o digital². Seja como for, para incluir ou excluir ainda mais, as transformações tecnológicas no campo da educação, comunicação e informação (as Novas Tecnologias de Comunicação e Informação ou NTCI) parecem estar produzindo diferentes concepções em relação ao conteúdo e à forma do universo educacional.

¹ “Tele” vem do grego e significa distância. As “sociedades telemáticas são sociedades que procuram resolver o problema do controle perceptivo a distância através das tecnologias que reduzem a zero o tempo da transmissão da informação” (Bogard, 1996, p.9, trad. minha).

² Para maiores detalhes, ver Veiga-Neto (2002).

Que as novas tecnologias tenham vindo para ficar, para facilitar nossas vidas, creio que ninguém duvide. A quantidade, a intensidade e a velocidade com que os discursos sobre as mesmas nos interpelam é que talvez devesse ser problematizado. E é justamente isto que busco neste texto: analisar a produtividade (quantidade e qualidade) dos discursos veiculados em duas revistas semanais de circulação nacional – *Veja* e *IstoÉ* -, no período de 1998 a 2002, sobre a introdução e/ou incorporação das “novas” tecnologias em nossas vidas e, em particular, nas escolas. Para realizar o pretendido, foram utilizados os *operadores discursivos da mídia impressa* e suas quatro regras de funcionamento, seguindo Rocha (2005).

Os operadores discursivos da mídia impressa

Por vezes, empreender uma investigação³ implica trabalhar meticulosa e pacientemente sobre “pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos” (Foucault, 1989, p.15). Outras vezes, a investigação faz com que nos debrucemos sobre uma grande quantidade e variedade de documentos coloridos, cheios de imagens/fotos, títulos, inúmeros formatos e cores de letras. Não se configuram propriamente em documentos riscados ou reescritos, mas, tal como os pergaminhos e suas particularidades, a multiplicidade de tecnologias e técnicas que são utilizadas na produção destes documentos, permitem um sem número de análises e releituras.

Por reconhecer, portanto, que os textos publicados nas revistas permitem uma infinidade de possibilidades investigativas, utilizei-me aqui de uma estratégia metodológica que possibilitou sistematizá-los a partir de algumas regras ou operações, a fim de ordená-los, caracterizá-los e hierarquizá-los. A análise pretendida, porém, não se propõe a ser uma interpretação reducionista da potencialidade dos discursos, já que não tem como objetivo procurar “o que está por trás” das enunciações, o que os textos escondem, o que não disseram ou que poderiam ter dito.

A premissa de que parto, indo em outra direção, é que as revistas – assim como os demais produtos midiáticos – são artefatos culturais e pedagógicos que englobam a produção e a circulação de saberes, onde jogos de poder estabelecem determinados modos de ser e viver. Portanto, a produtividade da mídia está associada à capacidade de ser, ao mesmo tempo, um “lugar onde várias instituições e sujeitos falam – como veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados *verdadeiros* em nossa

³ Foucault (1989) referiu-se, neste caso, à investigação genealógica.

sociedade –” (Fischer, 1996, p.114, grifo da autora), assim como um lugar de criação de discursos próprios. Ao estruturar e fazer circular – por vezes, repetida e enfaticamente – textos, sons e imagens, a mídia “constrói, reforça e multiplica enunciados propriamente seus, em sintonia ou não com outros discursos e outras instâncias de poder” (Fischer, 1997, p.65)⁴.

Para analisar, a partir dos textos das inúmeras reportagens pesquisadas, as relações discursivas existentes, foi importante e necessário estabelecer algumas estratégias de busca, separação e compreensão dos textos publicados. Ou seja, buscar compreender os enunciados formulados e veiculados pela mídia, neste caso impressa, a partir de regras ou operações que visam analisar como tais discursos se apresentam, se repetem, se mantêm, entre outras possibilidades, na ordem discursiva atual.

Considerando que os textos veiculados na mídia não podem ser separados – enquanto “coisas ditas” – da materialidade das enunciações (Fischer, 2000), e que a produtividade dos mesmos está diretamente relacionada ao *como* (de que forma, com quais recursos), ao *onde*⁵ (em que lugar) e *em quantas vezes*, a utilização dos *operadores discursivos da mídia impressa*, que funcionam a partir das quatro regras abaixo descritas, foram extremamente úteis à análise empreendida:

- *Regra das localizações:* As reportagens ocupam lugares estratégicos na mídia impressa (ser matéria ou chamada de capa⁶; estar em uma ou outra seção; estar no início ou no final; ocupar uma página inteira ou mais páginas etc) e tal localização, em geral, indica a importância e o destaque que a matéria recebe ou não. Além disto, as reportagens ocupam também lugares específicos nas páginas (página inteira, meia página, parte superior, parte inferior, entre outras).
- *Regra das repetições:* Os temas apresentados, por vezes, se repetem, em frequências variadas e nas mais diferentes condições (desde a repetição

⁴ Sobre a produtividade da mídia – e a compreensão de seu funcionamento como um “dispositivo pedagógico” –, sugiro a leitura de Fischer (1997; 2000).

⁵ Seguindo a lógica comercial, a venda dos “espaços publicitários” nas mídias impressas depende do espaço (tamanho e lugar) que ocupam. Os custos de veiculação são negociados, em geral, pelo número de colunas x cm. Consideram, além disto, o lugar da inserção. Para se ter uma idéia da variação dos custos de inserção de um anúncio na revista *Veja*, cito: uma página indeterminada custa R\$ 145.500,00 por inserção; a 2ª capa tem um custo de R\$ 390.500,00; a 3ª capa de R\$ 173.400,00 e assim por diante (em valores para primeira edição de setembro de 2004). Tais valores podem variar (receber descontos) de 5% a 18% , de acordo com o número de inserções. Outras e maiores informações sobre estas variações podem ser consultadas no *site* do Grupo Abril (www.publiabril.com.br), no *Mídia Kit*, em “Formatos e preços”.

⁶ A chamada de capa é uma manchete de uma reportagem na capa, mas não se constitui na matéria de capa. Portanto, uma capa tem, em geral, uma matéria de capa e, eventualmente, uma ou mais chamadas sobre outros temas de importância que se encontram publicados na revista.

praticamente “literal” de uma reportagem até as repetições em que o tema é apresentado com a utilização de argumentos contrários ao que já foi publicado).

- *Regra das ênfases*: É uma parte do “como” dos textos veiculados, ou seja, quais aspectos (no campo das idéias) as reportagens ressaltam, evidenciam, consideram. Apesar da pretensa “neutralidade informativa”, os textos publicados indicam tomadas de posição, às vezes através do uso de palavras ou expressões (de cunho positivo/negativo, depreciativo/entusiasmado), outras vezes são os próprios argumentos – dados e fatos – que indicam as posições assumidas (favoráveis ou contrárias). A utilização constante de números, dados, gráficos, tabelas, percentagens nas reportagens – e que procuram fortalecer os argumentos utilizados na defesa de algumas “verdades” – se constituem naquilo que Sacchi dos Santos (2002) chama de *episteme da quantificação*⁷. Além disto, um outro interessante fator a ser considerado na análise é o “autor” das informações publicadas (em geral, especialistas em determinada área do conhecimento).
- *Regra dos recursos*: É a outra parte do “como”, isto é, quais recursos gráficos são utilizados nas matérias publicadas (uso de imagens, cores, fotografias, tipos e tamanhos de letras etc)⁸.

Importante salientar que as análises empreendidas incluíram informações e dados de ordem numérica e percentual, embora o uso das “quantidades” não seja freqüente nem usual nas pesquisas em Educação (Gatti, 2004). Porém, em alguns casos, somente através dos números foi possível confirmar algumas das informações obtidas. Faço um exemplo: para confirmar se um determinado tema permaneceu sendo noticiado pela mídia (de forma constante, crescente ou decrescente), ao longo dos anos pesquisados, necessariamente é preciso utilizar uma operação matemática.

Os textos midiáticos são textos de duração relativamente rápida e que, em geral, repetem e enfatizam determinados enunciados até que as verdades por eles pronunciadas passem a ser dignas de crédito. Por este motivo, a repetição (número de

⁷ Segundo este autor, “os números são, de forma geral, um modo de governar. (...) embora não sejam pessoas (indivíduos), podem dizer muito delas; não só as produzindo, como também as regulando nessa produção” (p.38).

⁸ Não é, porém, objeto de análise aqui as particularidades da produção das imagens, em especial as especificidades relativas a planos, ângulos e enquadramentos. Embora se saiba da importância do uso das imagens, sobretudo na contemporaneidade, as mesmas foram analisadas como parte dos discursos enunciados pela mídia. O “texto escrito”, portanto, foi considerado como o principal elemento articulador de verdades e é a partir dele que os outros elementos – incluindo o “texto visual” – foram analisados.

vezes) e a ênfase (modo como a mídia veicula uma determinada notícia) foram (e são) fundamentais para que um determinado discurso produza os efeitos desejados.

Foram, portanto, as seqüências, as repetições e também as rupturas que permitiram perceber a importância ou não da produtividade dos textos publicados nestas revistas sobre a temática estudada.

A produtividade dos discursos sobre as “novas” tecnologias

A revista, enquanto mídia impressa, apela fundamentalmente para um sentido: a visão. Foi, fazendo uso deste sentido, que selecionei inicialmente aquilo que, depois, demorada e detalhadamente me detive para a produção das análises aqui transcritas.

A intenção, portanto, foi descrever e analisar como os textos, presentes nas revistas *Veja* e *IstoÉ*, se referem às novas tecnologias em nossas vidas (e, em particular, nas escolas), a partir das regras dos *operadores discursivos da mídia impressa*: onde os textos estão localizados ou dispostos nessas revistas, como eles se repetem, com qual ênfase são proferidos e quais são os recursos utilizados na publicação dos mesmos.

Em relação à primeira das quatro regras acima citadas (das *localizações*), cabe ressaltar que as reportagens sobre as novas tecnologias foram bastante freqüentes ao longo dos cinco anos pesquisados, totalizando 687 reportagens nas duas revistas (para um total de cerca de 520 edições). Praticamente em todos os exemplares, de ambas as revistas, foi publicada ao menos uma reportagem (independente do tamanho que ocupou na página) sobre o tema. Esta abundância está diretamente relacionada ao fato de que tanto a *Veja* quanto a *IstoÉ* possuem colunas ou seções fixas específicas sobre este tema (*Hipertexto* e *Século 21*, respectivamente). Mas, para além desta aparente obviedade, o que chama a atenção nos dados coletados foi o quanto este tema esteve presente, em diferentes seções, nas revistas pesquisadas (ver gráficos 1 e 2, a seguir):

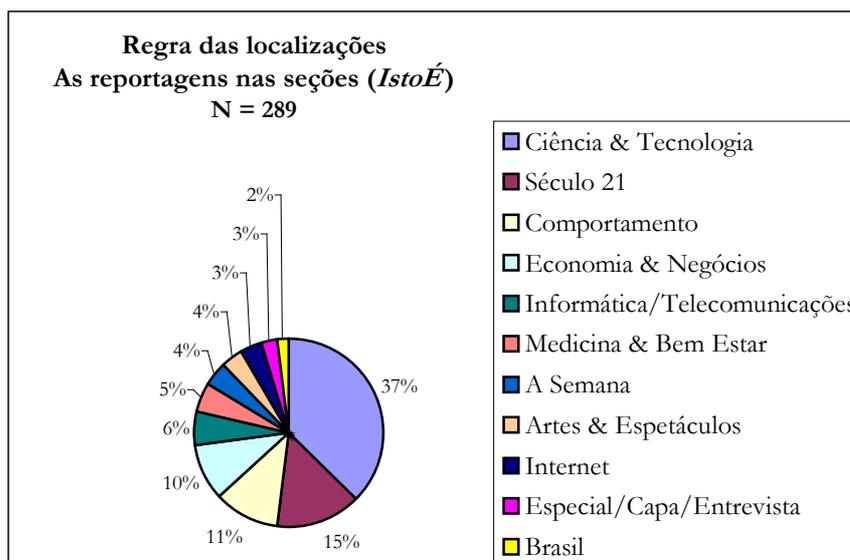


Gráfico 1: As reportagens sobre novas tecnologias nas seções (*IstoÉ*)

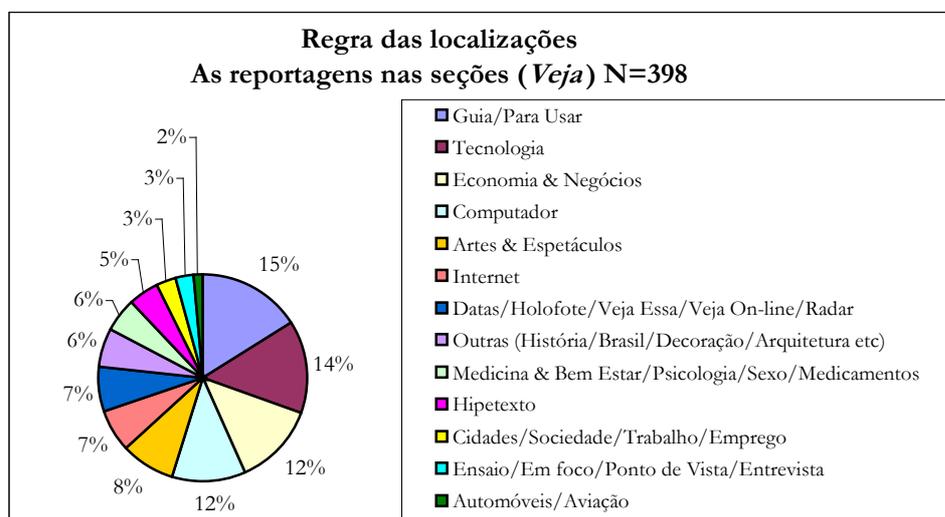


Gráfico 2: As reportagens sobre novas tecnologias nas seções (*Veja*)

Embora as reportagens sejam mais freqüentes em seções afins ao tema – tais como *Ciência & Tecnologia*, *Computador*, *Internet*, *Informática* – a diversidade dos assuntos tratados é um indício do quanto este tema é “caro” (ou interessante) à ordem discursiva presente nas revistas, já que, segundo os próprios textos das revistas pesquisadas, são inovações que “revolucionarão” os mais diferentes campos do conhecimento.

A abundância, diversidade, amplitude, riqueza de detalhes e possibilidades existentes nos textos das reportagens sobre este tema⁹ indicam a produtividade dos

⁹ Infelizmente, em função do propósito e da limitação espacial deste texto, não será possível descrever em detalhes o acima indicado. Sugiro, para maiores detalhes, ver Rocha (2005).

mesmos na tentativa de consagração das novas tecnologias em nossas vidas. Para tanto, as reportagens sobre esta temática, no período pesquisado, obedeceram a uma lógica de organização discursiva bastante interessante: manter e diversificar. Ou seja, a estratégia central foi publicar, em diferentes seções, ao longo dos anos pesquisados, pelo menos uma reportagem sobre o tema, tal como se pode ver no gráfico a seguir:

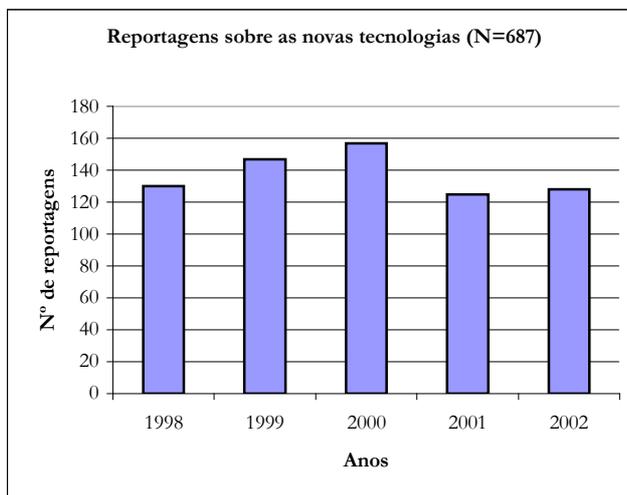


Gráfico 3: Número de reportagens sobre as novas tecnologias

O aumento do número de reportagens sobre as novas tecnologias, ocorrido nos anos de 1999 e 2000, pode ser compreendido se considerarmos que o ano 2000 foi o ano da virada do século e do milênio. Foi, por este motivo, muito comentado e sobre ele foram veiculadas várias reportagens, ora sobre o *bug* (que iria acontecer e que acabou não acontecendo), ora sobre o “futuro [que] chegou (...) [e que] cientistas e futurólogos erraram feio sobre como [seria] a vida no ano 2000” (Veja, 20 out. 1999, p.157).

Ainda que em quase todas as edições das duas revistas foi publicada, no mínimo, uma reportagem sobre as novas tecnologias, esta presença não foi intensa. As reportagens sobre novas tecnologias como matérias de capa, por exemplo, foram insignificantes (ver gráfico 4):

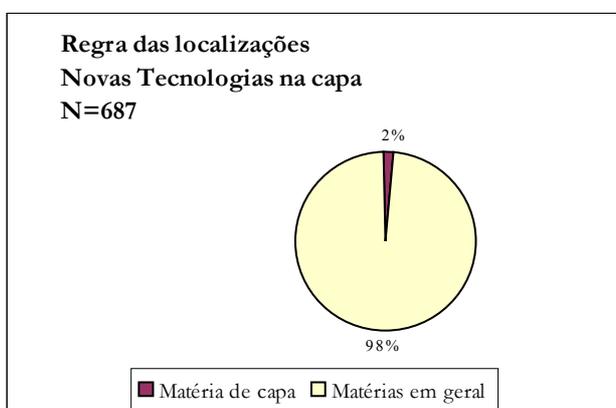


Gráfico 4: Novas tecnologias na capa (1998-2002)

Além disto, as reportagens localizaram-se predominantemente na parte final da revista e quase 90% delas ocuparam no máximo duas páginas (33% ocuparam menos de uma página).

Ao publicar pequenas e constantes reportagens, as revistas saturam seus leitores, pela quantidade e pela constância. Porém, apresentam algumas vantagens:

[As] pequenas porções textuais (...) podem ser lidas em qualquer ordem. Cada texto é autônomo e tem proporções muito pequenas. Claro que só imitam a possibilidade da leitura não-linear, mas não conseguem reproduzir as condições do espaço virtual. (...) Esta forma de escrever tem um fascínio muito grande hoje e parece estar a serviço da pouca paciência e do pouco tempo que temos para ler textos longos. Não serve para aprofundamento, pois é de tal forma fragmentária que não consegue sequer saciar a curiosidade, quanto mais a necessidade de conhecimento aprofundado. (...) Por outro lado, a noção de hipertexto na revista *Veja* está associada sobretudo a um estilo rápido e deslinearizado na mesma página, relacionando texto e imagem. (Marcuschi, 2001, p.91)

Um outro aspecto importante de ser considerado nesta análise diz respeito às ênfases utilizadas. Quase a totalidade de vezes em que o tema das novas tecnologias aparece, o mesmo foi apresentado de uma forma positiva e propositiva. A lógica utilizada é a do “futuro que já está acontecendo”, do qual não podemos ficar fora dele:

O computador deixará de ser algo imóvel para adquirir onipresença e ser útil a qualquer hora. (IstoÉ, 5 jan. 2000, p.82)

O futuro é agora: aparelhos se interconectam, diminuem de tamanho, ganham potência e confiabilidade. Quando? Já. (IstoÉ, 5 jan. 2000, p.88-89)

O Brasil em 2010: o país terá 30 milhões de internautas, mais que o dobro do número atual. (Veja, 1 nov. 2000, p.29)

Chip, você ainda vai ter um. (Veja, 16 jan. 2002, p.97)

Caiu na rede é lucro: meios eletrônicos transformam produção, comércio e serviços em nome do consumidor. (IstoÉ, 5 jan. 200, p.93)

O super-hiper-computador de água: indústria investe centenas de milhões de dólares em tecnologias bizarras para criar nova geração de poderosos cérebros eletrônicos, cuja velocidade deixará os mais rápidos hoje parecendo calhambeques. (IstoÉ, 27 maio 98, p.60-61)

Navegar é preciso: (...) crescem por todo o país os movimentos para incluir os pobres na revolução digital. (IstoÉ, 20 mar. 2002, p.75)

As palavras e/ou expressões empregadas nos textos das reportagens também sugerem a ênfase positiva com que as novas tecnologias são consideradas:

O sucesso *meteórico* da Internet. (Veja, 29 jul. 1998, p.36, grifo meu)

A Internet brasileira acaba de ganhar um *utilíssimo* serviço de localização geográfica. (Veja, 24 mar. 1999, p.92, grifo meu)

Máquinas *maravilhosas*: A Ericson mostrou em Estocolmo, na Suécia, os primeiros protótipos de equipamentos com a tecnologia Bluetooth, que conecta via ondas de rádio diversos aparelhos eletrônicos. (IstoÉ, 26 maio 1999, p.60, grifo meu)

Segundo Wolton (2003), as novas tecnologias se beneficiam de uma publicidade sem precedentes e sem limites: quase ninguém ousa criticá-las, nem questionar se elas realmente “significam um progresso a tal ponto incontestável que justifique o clamor incessante pela imperiosa necessidade de *modernização*” (p.83, grifo do autor). E continua: “Para muitos, a quantidade de computadores conectados à Internet parece ser o índice mais preciso sobre o grau de desenvolvimento de um país, até mesmo de inteligência...” (p.83-84).

O estilo *web* de vida – que vai decolar ainda mais nos próximos cinco anos (Veja Vida Digital, 22 dez. 1999) – parece ser o único possível e desejável. E esta necessidade, afirmada e reafirmada pelos textos publicados, em pequenas e constantes doses, é uma das estratégias de convencimento utilizadas para nos fazerem crer que, sem as novas tecnologias estamos perdidos, que “não existe vida fora delas”.

Esta crença ou insistência na importância das novas tecnologias é enfaticamente assinalada nas reportagens selecionadas. Mesmo quando são apresentados os aspectos negativos relacionados a elas, os argumentos utilizados alertam sobre os cuidados que devemos ter para melhor nos beneficiarmos delas. É aconselhável: fugir dos *hackers*, cuidar com os vírus, evitar as dores por LER/DORT¹⁰, não mandar *e-mails* na empresa que possam ser afixados no quadro de avisos, evitar a perda de dados sigilosos, evitar o *spam* na rede, cuidar ao realizar as operações pela Internet, evitar cair nos trotes eletrônicos etc.

Em relação aos *recursos* utilizados nas reportagens analisadas, observa-se que o número de reportagens com imagens foi freqüente – seguindo a linha editorial adotada pelas revistas. Porém, o número de imagens por reportagem não foi grande: variou de uma a quatro imagens. Além disto, cerca de 10% das reportagens não possuem imagens. As imagens utilizadas nestas reportagens também são interessantes de serem analisadas. Não porque sejam representativas, enfáticas ou se utilizem de variados recursos (cores, fotomontagens, ou outros aspectos). Justamente ao contrário: muitas delas são ilustrações ou fotografias dos objetos tecnológicos ou das pessoas que, por motivos diferentes, aparecem falando ou atestando a produtividade das novas tecnologias. Dentre os objetos tecnológicos reproduzidos nas imagens, os mais freqüentes são os computadores e os seus mais diferentes acessórios periféricos.

¹⁰ LER/DORT: Lesões por Esforço Repetitivo/Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho.

Particularmente em relação ao uso das novas tecnologias nas escolas, foi interessante observar que, dentre as 687 reportagens analisadas, foram efetivamente muito poucas as diretamente relacionadas ao espaço ou às práticas escolares (não passaram de 10% as que trataram especificamente deste tema). No entanto, é possível afirmar que a contínua veiculação de informações sobre as facilidades das novas tecnologias em nossas vidas é um indício do quanto os argumentos publicados instituem ou influenciam a construção de discursos favoráveis à introdução das mesmas em todos os âmbitos de nossa existência.

Dentre as reportagens que trazem, em seus textos ou imagens, referências explícitas às escolas, as novas tecnologias são apresentadas como benefícios que vão melhorar a vida na escola, dentre tantos outros lugares, tal como a reportagem publicada em *IstoÉ* (12 abr. 2000), intitulada “Geração Virtual”:

Nunca uma revolução foi tão rápida. Em apenas 30 anos, a rede de computadores (...) transformou-se em uma gigantesca malha de 36 milhões de *sites* e 196 milhões de usuários (...). Estamos imersos em *bites* e os impactos de avanços à velocidade da luz nas tecnologias de informação já são visíveis. O mundo depois da Internet decididamente já não é mais o mesmo. Tudo está mudando. O modo de criar riquezas, a natureza do comércio, a dinâmica do aprendizado. As grandes corporações estão dando lugar a estruturas empresariais ligadas em rede. O trabalho deslocou-se da sede da empresa para a casa, o carro, o *cybercafé*. Com um *mouse* na mão, é possível explorar as ruínas romanas, visitar a prima nos Estados Unidos, participar de um debate sobre Hepatite B, analisar a movimentação bancária, descobrir porque você tem dores de cabeça e, claro, namorar. Tudo sem sair da cadeira. O planeta agora cabe num computador e a palavra-chave pra [sic] relacionamentos de todo tempo dentro dessa nova ordem é cada vez menos hierarquia e mais interatividade. [p.54] (...) Mas é na área de educação que os benefícios da rede são mais festejados. (p.58)

A maior reportagem (com um total de oito páginas) sobre o assunto das novas tecnologias nas escolas foi publicada em *Veja Vida Digital* (22 dez. 1999) e se intitula “Janela para o futuro”. Nesta, o argumento utilizado – como sempre, a favor das novas tecnologias nas escolas – é o de tentar demonstrar, através dos textos (fatos e dados) veiculados que “computador e Internet na sala de aula nas mãos de professores treinados são um poderoso instrumento de ensino [pois] a experiência mostra que quanto mais tempo os alunos passam com computadores maior é a chance de obter uma colocação no mercado” (p.33).

As imagens reais (não são ilustrações nem montagens) – em uma delas é mostrada uma escola de Ribeirão Preto (SP) em que as carteiras tradicionais e também os cadernos foram abolidos e os alunos utilizam equipamentos de realidade virtual em algumas aulas – impressionam duplamente: pela realidade apresentada e pela distância

desta singular realidade em relação à maior parte das outras realidades escolares brasileiras (ver figuras 1 e 2, a seguir).

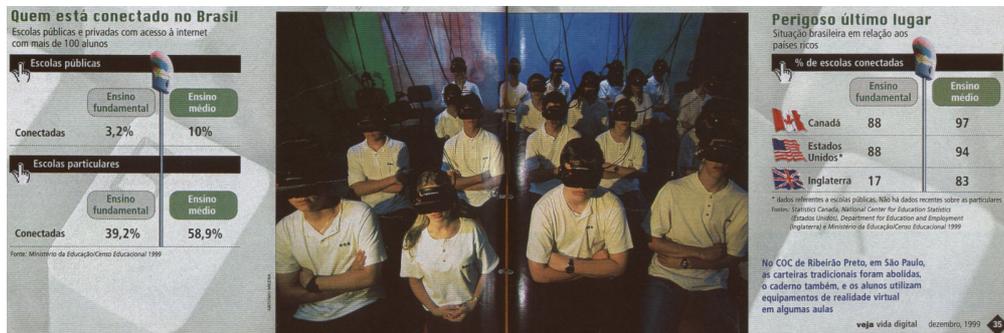


Figura 1: Aula do futuro (Veja Vida Digital, 22 dez. 1999, p.34-35)



Figura 2: Aula do futuro (IstoÉ, 30 ago. 2000, p.46-47)

Imagens como as acima referidas, fazem-nos constatar a freqüente utilização, por estas revistas, de uma estratégia de reforço enunciativo que faz uso das imagens em detrimento a textos explícitos ou àqueles cujos argumentos incentivam as práticas “alternativas” e “revolucionárias” na educação. Ou seja, muitas reportagens não se referem textualmente ao uso das novas tecnologias em sala de aula ou das experiências relacionadas à educação a distância, porém mostram imagens que permitem associar o sucesso de algumas experiências escolares com a utilização de computadores em sala de aula. Demonstro esta constatação com dois exemplos (figuras 3 e 4):



Figura 3: Histórias de sucesso (Veja, 27 fev. 2002, p.92-93)



Figura 4: Histórias de sucesso (IstoÉ, 25 abr. 2001, p.70-71)

O argumento de que o sucesso – social, econômico e cultural – depende dos avanços tecnológicos também é muito utilizado (ver figura 5, a seguir). Em uma das reportagens publicadas – que afirma que o Brasil não “fez o dever de casa da educação e da pesquisa e se atola a cada dia num arriscadíssimo atraso tecnológico” (Veja, 13 set. 2000, p.116) – é demonstrado, através de percentuais e comparações, por que o Brasil está perdendo a corrida tecnológica:

O Brasil está ficando tão defasado na questão tecnológica que está sendo obrigado a mudar seus paradigmas de competição. Nos anos 50, o PIB da Coréia do Sul equivalia a quase metade do brasileiro. No início da década de 80, os dois países se equiparavam e competiam. Hoje, a economia coreana está se alinhando muito rapidamente à dos países mais ricos. Grande parte deste salto ocorreu graças aos pesados investimentos em educação e capacitação tecnológica, que deram formidável empurrão nas exportações de um dos mais agressivos Tigres Asiáticos. Nesses campos, o Brasil ficou paralisado. (Veja, 13 set. 2000, p.118)



Figura 5: Sucesso e Internet (Veja Vida Digital, 22 dez. 1999, p.86)

Argumentos como estes – que relacionam o crescimento do País aos investimentos em educação e alta tecnologia – reforçam a trama discursiva que tem a intenção de nos convencer sobre o quanto tais tecnologias são imprescindíveis para o nosso dia-a-dia, no trabalho, em casa ou na escola.

Na totalidade das reportagens sobre as novas tecnologias nas escolas, a *ênfase* é sempre a favor da introdução das mesmas ou da criação de novos espaços e tempos escolares. Mesmo aquelas reportagens que parecem expressar dizíveis diferenças, tratam de invisíveis semelhanças que mutuamente se reforçam.

É o caso, por exemplo dos pais adeptos do *home-schooling* que querem educar seus filhos em casa, longe das escolas, para que os mesmos não fiquem restritos aos livros (IstoÉ, 14 fev. 2001; Veja, 25 abr. 2001). Esta prática reportada nas revistas tem, em certa medida, uma produtividade discursiva a favor do ensino a distância, embora não se refira explicitamente a ele.

Uma outra reportagem que mostra a importância do uso das novas tecnologias nas escolas é a que afirma o sucesso dos alunos norte-americanos com seus *laptops* individuais:

(...) nos Estados Unidos muitos colégios já adotam um sistema em que cada aluno recebe um *laptop* para assistir às aulas [e] os resultados são incríveis: as notas subiram 20% e os casos de indisciplina caíram 80%. (Veja, 10 maio 2000, p.164)

Ou então aquela que fala da “cola *high tech*” usada para copiar respostas em provas através do *pager* eletrônico. Ou aquelas que relacionam as vantagens dos inúmeros *sites* que ensinam a pesquisar na rede ou que ajudam os alunos no dever de casa:

Pais que têm filhos em boa escola particular, da 1ª série primária do 3º colegial, sabem: material básico hoje em dia é caderno, livro, caneta e computador ligado à internet. Muito além da função inicial de produzir capas caprichadas para trabalhos escolares, o computador tornou-se instrumento fundamental de pesquisa e ajuda no famigerado dever de casa – que, por sua vez, fica mais rápido e agradável na tela do monitor. (Veja, 3 mar. 1999, p.60)

Aprender com robôs alfabetizadores, em espaços pensados para o próximo século (de alta renovação tecnológica), com gincanas virtuais, disciplinas em versão multimídia e computadores utilizados como ferramentas para criação e diversão certamente são ingredientes que podem revolucionar e transformar a escola em um “admirável mundo novo” (IstoÉ, 8 ago. 2001, p.86).

Mas são as reportagens que anunciam a plena substituição da lousa, giz, caderno e canetas por telas, monitores, teclados e *mouses*, que são mais enfáticas em relação às vantagens que dizem oferecer:

Nem precisa ir à sala de aula: a Secretaria de Educação de São Paulo (...) encontrou uma forma de garantir um diploma de nível superior a seus professores de 1ª a 4ª série espalhados pelo Estado. Ninguém vai precisar sair de sua cidade. Com a ajuda de um equipamento de videoconferência, mais de 100 doutores de quatro faculdades (USP, Unicamp, Unesp e PUC-SP) ensinarão 7.000 docentes. Câmaras [sic] turbinadas e transmissão de alta velocidade garantirão o ambiente de sala de aula. O aluno que quiser fazer uma pergunta será visto pelo professor e pelos demais colegas. (Veja, 18 jul. 2001, p.77)

O ensino a distância avança e já existem mais de 30 mil cursos oferecidos na rede, de graduação e pós-graduação até economia doméstica [sic]. (IstoÉ, 15 ago. 2001, p.48)

A aula a distância é sinônimo de economia. Com a verba necessária para mandar um profissional estudar fora é possível qualificar até 25 funcionários dentro do próprio local de trabalho. (...) Os alunos estão fora dos *campi* universitários, mas usufruem de todos os recursos pedagógicos das escolas. Pela internet, têm acesso às bibliotecas e pela videoconferência conversam ao vivo, pela televisão, com os professores e os alunos de qualquer canto do mundo. A interatividade é o grande mérito das aulas virtuais. As dúvidas, por exemplo, são tiradas em tempo real. (Veja, 16 jun. 1999, p.119)

Como acontece em outros países, as universidades brasileiras já oferecem boas alternativas para quem tem interesse em estudar mas não encontra tempo para frequentar as aulas ou mora longe demais da instituição escolhida. Em todo o país, há oferta de cursos em diversas áreas da graduação ao doutorado, e também especialização. Todos podem ser acompanhados de casa. A única exigência é comparecer à universidade para a realização das provas. (Veja, 19 dez. 2001, s/p)

Estas “fantásticas” opções – para quem não tem tempo nem dispõe de bons cursos perto de casa ou do trabalho – que *Veja* e *IstoÉ* dizem existir, certamente não fazem parte das histórias da “vida como ela é” da maioria das escolas brasileiras.

A própria revista *IstoÉ*, em uma reportagem intitulada “A aula do futuro” (30 ago. 2000), onde informa sobre as novidades tecnológicas de alguns colégios particulares no Brasil, traz uma nota em que destaca, na contramão do desejado futuro, as dificuldades encontradas nas escolas das periferias das grandes cidades: faltam salas, professores, água, luz, papel, giz, quadros, enfim, um pouco de tudo ou tudo demais.

A escola do futuro, das novas tecnologias, do ensino a distância, dos professores interativos, dos métodos criativos, talvez seja uma realidade possível somente àqueles poucos “gênios deste fim de milênio que têm o cérebro mais aparelhado que as gerações anteriores [ou que as gerações menos favorecidas economicamente]” (Veja, 16 dez. 1998, p.161), o que obriga a antiga instituição normativa do saber, com todas as suas dificuldades, se manter, ainda, por muitos anos e para muitos no Brasil.

Algumas considerações: para pensar o futuro

Vivemos em um mundo datado. A globalização é essa data. São as suas definições e contornos que constituem e limitam tudo o mais. Vejamos alguns traços do presente ligados à condição histórica da avareza: a hipersofreguidão possível – esse sentido de urgência – relacionada ao mito da velocidade. Essa busca indormida de vantagens – a hiperavidez possível –, seguindo o mito da nova competitividade. A hiperesganadura possível, devida à nova e mentirosa moralidade dos negócios. (Zero Hora, 20 jan. 2001, p.2)

As novas tecnologias produzidas nesta *era informática* ou as atuais formas como as utilizamos têm sido invariavelmente associadas ao progresso, à evolução, à necessidade de ampliação e abrangência da escolarização em todos os lugares e em qualquer tempo.

Parece, tal como afirmam os textos das revistas pesquisadas, que as novas tecnologias facilitam a vida, dão autonomia, ensinam, divertem, ajudam, nos fazem crescer, nos obrigam a pensar, permitem de tudo (brincadeiras, prazeres, seduções em casa, na rua, na escola, no trabalho) e criam novas regras de convivência.

É importante assinalar que esta insistência sobre as vantagens e comodidades dos equipamentos tecnológicos pode ser explicada ou analisada a partir da problematização da lógica de mercado, na qual todos estamos inseridos. Embora não seja meu objetivo aqui analisar tais reportagens a partir dos discursos econômicos (capitalistas) ou políticos (neoliberais) vigentes, creio que poderia ser um interessante modo para se compreender a produtividade discursiva da mídia acerca destas inovações e da insistência da mesma em que não podemos viver sem elas.

Minha intenção aqui – bem mais modesta – foi apenas tentar descrever e analisar as operações utilizadas – a partir das quatro regras anteriormente explicitadas (das localizações, das repetições, das ênfases e dos recursos) – para a produção e circulação de algumas das verdades enunciadas sobre as novas tecnologias em nossas vidas e em nossas escolas.

As revistas escolhidas para esta pesquisa e os discursos nelas veiculados não representam a totalidade das realidades existentes. Ao falarem para um determinado público, fazem opções, recortes, mostram partes, incentivam algumas práticas, execram outras. Os textos (argumentos e imagens) que proliferam nestas mídias, portanto, são datados e contextuais. E muito significativos, por certo, sobretudo para os leitores destas revistas.

Por outro lado, a produtividade discursiva destes textos está na capacidade dos mesmos de multiplicarem forças, se atualizarem, se revitalizarem lá onde encontram ecos. Pois são justamente os espaços de ressonâncias e dispersões que produzem os variados sentidos e as inúmeras verdades.

Por fim, cabe reiterar que as estratégias utilizadas, nestas revistas e em relação a esta temática, apontam para uma lógica de saturação através de uma positiva repetição: o tema central – das novas tecnologias – está presente em reportagens que tratam dos mais diferentes assuntos, estas reportagens ocupam as mais diferentes seções, no menor espaço possível e, fundamentalmente, os aspectos positivos são reiteradamente afirmados. Portanto, repete-se, com ênfases diferentes, porém sempre positivas. E, assim, não se produz nos leitores uma sensação de possível incômodo por estarem lendo as mesmas coisas várias vezes, pois os textos são curtos (em geral, informativos e objetivos), estão inseridos em contextos diferentes e não parecem ter as mesmas intenções. A leitura destas reportagens, desta forma, se torna leve e quase não se percebe que estamos sendo bombardeados por uma quantidade de informações que enfatizam os mesmos aspectos: ressaltar a introdução, a manutenção e a importância das novas tecnologias em nossas vidas.

Ao optar por realizar a pesquisa nestas revistas, já imaginava o quanto elas seriam favoráveis às mudanças que estão sendo operadas em nossas vidas. O que não imaginava é que as vantagens anunciadas seriam tão estratégica e enfaticamente defendidas. Foi o que pude comprovar.

Referências

CASALEGNO, Federico. Ecco come vi cambierò la vita. Roma, *Liberal*, 6 maio 1999, n. 61, p.78-81.

BOGARD, William. *The simulation of surveillance: hypercontrol in telematic societies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. e Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n° 2, jul./dez. 1997, p.59-80.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, estratégias de linguagem e produção de sujeitos. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), n° 10, 2000, Rio de Janeiro. *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p.75-88.

GATTI, Bernerdete A.. Estudos quantitativos em Educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.1, jan./abr. 2004, p.11-30.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.4, n.1, 2001, p.79-111.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. *A Escola na Mídia: Nada fora do controle*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

SACCHI DOS SANTOS, Luis Henrique. *Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil: uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção (1986-2000)*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Currículo e Telemática. In: MOREIRA, Antonio Flávio B.; MACEDO, Elizabeth F. (Orgs.). *Currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto, 2002, p.53-64.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois? Uma crítica das novas mídias*. Trad. Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ZERO HORA. *Um acampamento contra o tédio*. Porto Alegre, 20 jan. 2001. Segundo Caderno: Cultura, p.2.